

# Sumário

IEPP Bion

1,05

Editorial	3	
Estudo de prevalência das síndromes anímicas em ambulatório	3	Ana Cristina Tofani, Cátia Olivier Mello, Emo Resmini, Patrícia Pózas, Sandra Rossi
Comentário	10	Paulo Antônio Borghetti
Quilíbrio e borderline	11	Ester Maíque Litvin
Processo psicoterápico de um adolescente borderline	19	Soraya M. P. Koch Haek
Comentário	24	Abraham Turkenicz
Psicofarmacologia do uso de drogas na adolescência	26	Norma U. Escosteguy
Prevenção ao uso indevido de drogas nas escolas	30	Paulo Knapp
Terapia familiar de um adolescente: distinções em família reconstituída	33	Claudia Giongo, Marli Salter
Comentário	37	Norma U. Escosteguy
Dilemas Terapêuticos: psicoterapia familiar ou individual	38	Ruggero Levy
Tiques: algumas considerações a partir de um caso clínico	41	Morgana Gottardo Bortolini
A questão do "imprinting" nos distúrbios do gênero	46	Roberto Graña
A observação do bebê e suas aplicações: Síntese do I Colóquio Europeu	52	Ester Maíque Litvin
Formaturas: discursos de parainfância	65	Vera B. Zimmermann, Magali Fischer
Discurso de formanda	69	Maria Alice Targa

## Expediente:

Editoras: Norma Escosteguy e  
Carmen Ines Debenetti  
Jornalista Responsável: Nelson Amorim de Miranda  
Registro Profissional - 142/62

dor de uma semana para outra.

Watillon tentou nestas 37 entrevistas determinar os elementos que acompanhavam o processo de identificação das mães com o observador e também encontrar as razões pelas quais esta identificação não acontecia.

Nos casos em que a identificação ocorreu, tratava-se de mães cuja atitude ou personalidade pareceram como sobretudo neuróticas e que foram capazes de admitir e reconhecer a presença de um terceiro na relação com seus bebês. Em todos os casos em que a identificação existiu, as mães ressaltavam ao mesmo tempo sua relação com o observador e também a relação entre o observador e o bebê. Por outro lado, Watillon considera que as mães que não assinalaram este aspecto permaneceram muito mais infantis, com um núcleo narcísico, com dificuldade de admitir que um terceiro, além dela, pudesse ter um papel na relação com seu bebê. Para Watillon a existência desta identificação com o observador testemunha a capacidade da mãe de estabelecer uma relação objetiva de qualidade.

As mães, segundo Watillon, são muito atentas às reações do bebê para com o observador e ficam aliviadas quando um vínculo positivo se estabelece entre eles. Este alívio pode advir de uma espécie de desculpabilização. Assim, se a mãe, mais ou menos conscientemente aceitou a observação com o objetivo de ser ajudada, o sorriso do bebê para o observador lhe dá a prova de que ele, o bebê, não foi incomodado pela observação. É como se o bebê lhe perdoasse de ter necessitado deste apoio. Por outro lado, as mães são particularmente intolerantes em relação ao observador que não reage aos sorrisos e sinais do bebê. A reserva verbal do observador é, no entanto, interpretada diferentemente pelas mães de acordo com suas personalidades e expectativas. Às vezes, ela é apreciada como um sinal de respeito de sua maneira de ser. Outras vezes, pode ser vivida como persecutória ou hostil.

Segundo Watillon, ficou evidenciado nas entrevistas um paralelismo que as mães fazem entre o bebê e o observador. Assim, os esquecimentos dos encontros para observação ou das refeições do bebê são encontrados em mães cujo investimento de seus bebês é muito ambivalente e flutuante. A maneira como o observador é recebido mostra muitas similitudes com a recepção dada ao bebê na família e no psiquismo dos pais.

Quanto aos efeitos da observação sobre o bebê, Watillon verificou que a angústia dos 8 meses é rara talvez porque o observador não seja um estranho para a criança. Watillon assinala também que a observação pode ter um efeito secundário sobre os bebês pela influência que ela tem sobre as mães através da identificação com o observador, do reassuramento, do aspecto continente.

A propósito da regularidade das visitas do observador, também as respostas foram variáveis: ou vivida como estruturante ou como um incômodo. Este incômodo é, para Watillon, simbolicamente o incômodo que representa a chegada de um bebê e é

muito diferentemente suportado pelos pais em função de suas personalidades.

Sobre os **observadores masculinos** (8 sobre 38 observadores), Watillon verificou que a presença dos pais nas observações era nitidamente maior quando tratava-se de um observador masculino.

Quanto a possibilidade de **intervenção** na situação de observação, Watillon diz que após longas discussões no seminário, o observador pode se permitir uma intervenção com o objetivo de tentar desmanchar uma situação penosa para o bebê e sua mãe. Nesta situação, o observador tenta verbalizar como se ele falasse no lugar do bebê: "mamãe, tenha mais paciência comigo". Porém, esta situação de observação não deve ser confundida com a situação terapêutica.

Quanto ao papel do **observador**, Watillon diz que há um trabalho muito importante a realizar para encontrar o lugar adequado na família que o observador observa. É importante encontrar uma atitude que deixe a mãe à vontade, sem ser intervencionista. Utilizando-se de sua intuição e de sua compreensão das forças em jogo, o observador poderá encontrar uma distância ideal.

— o observador pode evitar receber o impacto afetivo provocado por sua presença numa interação já rica de emoções. Ou pode compreender os movimentos desta interação e verdadeiramente observar e se deixar penetrar pelo impacto afetivo sem se deixar submergir e eventualmente atuar reativa e defensivamente.

— não deve dar conselhos e muito menos interpretar.

Watillon diz que a observação de bebê ensina que não há comentário banal. Conta que, recentemente, uma de suas observadoras, ao ver que o bebê olhava sua mão, comentou este fato com a mãe. Parecia ser um comentário banal, inócuo, mas não foi. A mãe logo associou a este comentário: "Sim, ela talvez olhe sua mão, olhe seu pai, mas para mim ela não olha".

— não deve tampouco ficar totalmente em silêncio, retraído.

— é através de sua atitude corporal e mental, sua maneira de ser não-verbal que o observador pode melhor dar à mãe o sentimento de ser um terceiro acolhedor, realmente interessado no desenvolvimento de seu bebê, na qualidade da interação mãe-bebê e admirador de suas capacidades de ser uma mãe.

— os **seminários** podem ajudar o observador a encontrar este lugar adequado e serve frequentemente de continente para suas dúvidas e incertezas.

— o desenvolvimento das capacidades para encontrar esta posição privilegiada na diade mãe-bebê é muito difícil, constitui, para Watillon, um dos aprendizados mais importantes deste método de observação.

## 2 — "A OBSERVAÇÃO DOS BEBÊS — REFLEXÕES SOBRE O NASCIMENTO DO PENSAMENTO, SUA IMPROPRIDADE PARA

## O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E PARA A CLÍNICA

Comunicação de Manuel Perez Sanchez, Espanha, psiquiatra, presidente da Sociedade Espanhola de Psicanálise.

Material de observação: David, 12 dias

"A mãe mostra ao observador o bebê que está com a boca pendente, adormecido, com o rosto apoiado sobre o lado direito, os olhos fechados, os braços ao longo do corpo, com as mãos viradas para o alto(...) a mãe explica que David é muito diferente de seu irmão Rafa. Este no máximo mexia seu ventre enquanto que David não pára. Se ela o tivesse tido primeiro, teria se inquietado. Ela faz um lugar para que o observador possa ver melhor e diz: "David, olha quem veio te ver, tu estás bem adormecido(...)"

"Ela passa seu index na sua face. O bebê tenta abrir os olhos sem conseguir, ele enrugando a testa, estica as pálpebras. Ele mexe um pouco as pernas e os braços. Diante da nova insistência da mãe, o bebê vira a cabeça, enterrando-a no lençol e se apóia sobre o outro lado subindo a mão até se tocar o queixo(...) O bebê começa a se acordar, mexe a cabeça de um lado para o outro, com as mãos próximas de seu rosto e começa a gemer. A mãe pergunta-lhe o que está acontecendo(...) David protesta com mais força. Quando ela o descobre, ele mexe as pernas e coloca seu rosto sobre os lençóis com as mãos dos dois lados. David está com os olhos abertos, mexe a cabeça para os dois lados, se tocando a face como se ele quisesse apertá-la(...) a mãe decide pegá-lo e trocar-lhe as fraldas. Ao colocá-lo sobre a cama, ele começa a chorar. Ela diz: "Ai, ai, o que está acontecendo, tu queres que eu faça mais rápido e eu não posso". Ao tirar-lhe o pijama, ele chora mais forte e quando se encontra nu, seu corpo treme, ele mexe a cabeça para os dois lados, aproximando alternadamente suas mãos de seu rosto. Diante de seu estado de ansiedade, sua mãe lhe diz: "Como mamãe é má por não saber fazê-lo, ela faz muito devagar e tu tens fome".

"Ela descobre seu seio esquerdo, aproxima a cabeça do bebê e David após um curto momento pega o mamilo com a boca e começa a mamar avidamente e de maneira inquietante(...) A mãe passa seu index sobre a mão esquerda da criança que permanece fechada e a criança começa a mamar vorazmente. Enquanto ele mama, ele olha fixamente um

ponto que parece ser o brinco da mãe".

"Quando ele pára, ela lhe diz: "Tu não queres mais(...)" Ela o retira do seio e o bebê olha para todos os lados, bocejando várias vezes, não pega mais o mamilo quando sua mãe lhe oferece. Ela o coloca sobre seus joelhos, dizendo-lhe: "é que tu fazes muito lentamente, né? é verdade que agora, durante três meses, nós não temos mais nada para fazer. Mamar e dormir. E nós podemos fazê-lo como quisermos". David regurgita e a mãe suspira olhando para o observador e para o bebê com satisfação. Ela aproxima seu rosto, o bebê está com os olhos bem abertos e a olha atentamente. Ela repete para ele: "não é verdade?" e David sorri abertamente. Ela começa a rir e o observador também. O observador chama a atenção de como ele sorriu e ela diz: "é verdade, dizem que nesta idade é muito cedo, mas foi um verdadeiro sorriso; nos primeiros dias era diferente".

Ela diz que já em seu ventre, David se movimentava mais que Rafa. Ela quer nos dizer que eles são diferentes e que ela pode estabelecer uma relação singular com cada um deles.

Em seguida, ela amplia o espaço para o observador, incluindo-o na relação, apresentando-o a David: "olha quem veio te ver David". Ela o faz com a intenção de reconstruir com o observador a unidade originária (\*) que lhe será tão necessária para reprimir, temperar e compreender as ansiedades de seu filho.

Podemos ver desde o início como o bebê sofreu o bombardeamento das estimulações sensoriais que se refletem em seu rosto: ele enrugando a testa, estica as pálpebras, mexe as pernas e os braços. Diante de nova insistência, ele vira a cabeça, enterra seu rosto no lençol para finalmente subir sua mão e tocar seu queixo. É como se neste último gesto e graças ao sono ele tivesse podido reunir duas partes animadas de seu corpo, para dar um sentido a esta experiência ou para que esta lhe seja mais suportável. Ele movimentava suas mãos e começa a gemer, dito de outra forma, é como se ele dissesse, "tudo isto é bastante difícil(...)".

A mãe, que tem a intuição de que está acontecendo alguma coisa, pergunta-lhe o que está acontecendo e tenta repensar sua experiência sensorial para digeri-la. David protesta com mais força. Ao descobri-lo e enquanto ele se sente mais inseguro, ele eleva suas mãos em direção às faces como para apertá-las, ou seja, ele quer perceber, apreender estas experiências sensoriais que lhe escapam e que o

(\*) segundo Abello e Perez-Sanchez (1981), núcleo funcional composto pela mãe-pai-bebê, criado para que seus componentes tentem encontrar uma nova identidade para poder "crescer" e se desenvolver mentalmente, a partir do impacto emocional (E. Bick) sobre uma família que se acrescenta de uma perda de identidade de todos os seus membros quando do nascimento de um bebê. O pai que encoraja a mãe que cuida do bebê, estimula e aumenta nela a capacidade de "réverie", isto é, a capacidade de pensar intuitivamente e de perceber as necessida-

des do bebê, e que permitirá oferecer um espaço vital no qual a criança constrói seu próprio mundo psíquico, de onde surge o nascimento do pensamento. O bebê por seu lado, com seus apelos imperiosos de ajuda e sua autonomia debutante, estimula por sua vez nos pais as capacidades para refletir diante de todas as situações. Perez-Sanchez ressalta que o motor que coloca em funcionamento esta unidade é a energia psíquica que aparece como a consequência do encontro do bebê com seu mundo e que dá lugar a uma experiência emocional.

levam a sentir algo estranho. Neste momento, a mãe decide pegá-lo nos braços, ou, o que é igual, contê-lo de uma maneira mais total. Mas ela não pode aceitar o temor desmedido da criança e recorre, de uma certa forma, à teoria segundo a qual ele deve estar provavelmente molhado, e decide trocar-lhe as fraldas. Ao colocá-lo sobre a cama, **despossuído do continente-mãe**, ele começa a chorar. A mãe se aproxima e questiona-o com ar preocupado: "Ai, ai, o que está acontecendo?" Ao retirá-lo das fraldas e quando fica todo nu, sua insegurança é tal que seu corpo treme como se ele fosse feito de gelatina esparramada. Ele mexe alternadamente a cabeça procurando e tentando desesperadamente se unir completamente ao elevar suas mãos em direção ao seu rosto.

"Diante do estado de ansiedade, a mãe tenta compreender esta situação. Pensamos que, ajudada pela presença do observador, ela consegue falar com uma certa tolerância de suas dificuldades: "como mamãe é má, ela não sabe fazer(...)" e ela o leva ao seio. Graças às experiências de observação de bebês, sabemos que a procura de um objeto de sustentação, que mantém reunidas todas as partes da personalidade, é urgente e vital para o bebê. O objeto ideal é o mamilo na boca associado à mãe que encoraja o bebê, fala com ele e da qual emana um odor familiar. Chega-se assim à primeira modalidade de vínculo ou unidade de base boca-mamilo. Desta maneira, David, a partir das **pré-concepções (\*)** adquiridas na elaboração das impressões sensoriais através da capacidade de rêverie da mãe e de sua capacidade de fazer funcionar sua função alfa (\*\*), David então se apercebe do seio, se encontra confrontado com a realização do seio ou com a **concepção** do seio. Isto é um elemento para o nascimento do pensamento. Num primeiro momento, o bebê está ávido, sua mão está fechada: sua mãe o acaricia ternamente até que ele consiga relaxar, é como se a mãe tivesse podido receber estas projeções ou esta ansiedade da criança e tivesse conseguido modulá-las até que o bebê se relaxe. Perez-Sanchez acrescenta que o **não-seio(\*\*\*)** de

Bion ou seio ausente foi substituído pela concepção do "seio bom" presente.

✶A partir deste instante, o bebê utiliza seus olhos e olha o brinco de sua mãe. Os olhos, que abriu quando acordou, não lhe serviam para apreender um objeto, eles são agora instrumentos para perceber, assim como a boca o faz com o mamilo.

✶Uma vez satisfeito, uma série de comportamentos aparecem como os bocejos, a parada da sucção, a recusa do mamilo ou o olhar orientado para todos os lados e não para um elemento preciso. É como se ele tivesse novamente uma série de impressões sensoriais que não têm muito sentido e das quais ele quer se liberar através de um bocejo com o desejo de evacuar os elementos não-assimiláveis da experiência.

✶É após todo este processo que a mãe o olha com atenção e que ele sorri para ela, fato que a mãe e o observador ressaltam. É como a vitória final de uma experiência emocional. A mãe tenta diferenciar este nível de desenvolvimento atingido, comparando-o com os estados mais "primitivos" de há apenas 12 dias. Uma aquisição importante para o nascimento do pensamento.

✶Depois do comportamento inicial inquieto do bebê ao acordar, vemos que a atitude da mãe é bem adaptada ao bebê: ela responde-lhe com paciência e com uma certa criatividade no seu comportamento. Esta capacidade parece ter sido aumentada pela presença atenta do observador ou, se se quer, pela re-criação da Unidade originária. A atitude da mãe se reflete finalmente no sorriso comunicativo do bebê que podemos qualificar de verdadeira experiência emocional. Assim, podemos diferenciar bem o que é uma experiência emocional, isto é, uma manifestação da personalidade plena de sentido e que necessitou uma elaboração ou assimilação de parte do "continente-mãe", contida ela também pela presença do observador. Tudo isto é bem diferente das manobras iniciais nas quais a criança se enterrava no lençol, gemia, protestava, chorava ou estava ausente, com pouco contato emocional e manifestações adaptativas. No caso de David, uma

(\*) **pré-concepção**: por este termo Bion, segundo Perez-Sanchez, designa um estado de espera similar ao do bebê no momento que precede o ser colocado no seio. Ele tem a qualidade que Kanr dá a uma "idéia vazia" na qual ele pode ser pensado mas não conhecido.

Por **concepção**, Bion designa o que resulta quando a pré-concepção se une às impressões sensoriais apropriadas. Bion diz que a relação entre a mãe e o bebê descrita por M. Klein como identificação projetiva é interiorizada para formar um aparelho para a regulação de uma pré-concepção com os dados sensoriais da realização aproximativa.

Estes dois conceitos de Bion integram sua teoria do desenvolvimento do pensamento, elaborada a partir da situação em que uma atividade compartilhada por dois indivíduos (mãe e bebê) é vivida no bebê como parte do aparelho para poder pensar.

(\*\*) **função alfa**: função que, segundo Bion, citado por

Perez-Sanchez, opera na percepção das "experiências emocionais" que inclui "as impressões sensoriais e as emoções" enquanto capaz de realizar a integração destas "experiências emocionais". Estes elementos tornam-se "pensamentos do sonho", que podem ser armazenados na memória ou utilizados para pensar; ou podem também, ao funcionar mal, resultar nos elementos Beta que não servem para pensar, mas para serem evacuados. Perez-Sanchez diz que podemos pensar que este primeiro estágio pode ser considerado como um aparelho proto-mental, que inclui funções mentais nas quais as emoções e os estados corporais aparecem ainda indistintos uns dos outros.

(\*\*\*) **"não-seio"**: concepção de Bion, citado por Perez-Sanchez que designa a ansiedade do bebê com fome ou em desamparo, vivida como uma ausência de objeto (seio).

experiência emocional foi transformada em representações simbólicas que podem ser utilizadas para os sonhos, os pensamentos, a memória, a reflexão, os julgamentos, a decisão, a ação e então podemos ter o desenvolvimento (teoria do pensamento de Bion).

Nos casos de outros bebês nos quais estas situações (fragmentos de conteúdo: queixa, angústia, fome, necessidades do bebê em geral — Bion) não podem ser elaboradas por razões que dependem da mãe, do bebê ou de circunstâncias ambientais (não encontram continente: pai-mãe, observador — Bion) ocorre então um aumento de estimulações (fragmentos de conteúdo — Bion) que devem ser evacuadas do espírito. A forma com que serão evacuadas dará lugar a diversas psicopatologias como alucinações, desordens psico-somáticas, atos e palavras destituídos de qualquer significação, etc.”

O bebê não é capaz de pensar, então ele projeta estas partes, estes fragmentos de experiências vividas, na mãe. Esta deve cumprir a função de pensar através da capacidade de “Rêverie”, colocando ordem no caos das experiências vividas e das sensações, sendo disponível enquanto objeto que deve ser investido.

No caso de David, vimos como a mãe lhe diz que ele dispõe de todo seu tempo para isto. A partir deste pequeno extrato de material de observação, podemos deduzir como podem, ao contrário, acontecer as coisas em outros casos mais dramáticos.

O pensamento depende da integração, da assimilação bem sucedida do “seio bom” (ou das boas experiências). A criança, por exemplo, invadida por sentimentos dolorosos, de culpa, de temor de morrer, de avidez, de excrementos, evacua estes objetos maus através de seu desejo do seio que não está presente (no momento em que ela chora desesperadamente, e em que está só). Quando está nos braços da mãe, o objeto bom transforma o não-seio em um seio, os excrementos e a urina se transformam em leite, os temores de morte e a ansiedade se transformam em vitalidade e confiança, a avidez em sentimento de amor e de generosidade e a criança expulsa suas coisas más, agora traduzidas em coisas boas.

Este exemplo mostra as possibilidades que a criança tem de ir em direção à experiência emocional com sua capacidade de atenção seletiva, por meio do órgão da consciência para a percepção das qualidades psíquicas, suas capacidades também de desenvolver um aparelho para pensar e aprender a partir da experiência emocional, convertendo a experiência em pensamentos que podem ser utilizados para pensar. Sendo capaz de dominar a ansiedade catastrófica que aparece, a criança poderá fazer um movimento que corresponde ao movimento de vai-e-vem das posições esquizo-paranóide e depressiva (M. Klein) e com a ajuda do fato selecionado para ordenar as idéias novas com as velhas, será possível ocorrer o crescimento do pensamento.

PEREZ-SANCHEZ trouxe outro material de observação que lhe foi apresentado no Rio de Janeiro pela Dra. Mari Carmen Medeiros. Trata-se de um bebê, Joana, de 2 meses e 14 dias.

A mãe espera a observadora na rua, segurando Joana no colo. Dirigindo-se para a criança, a mãe lhe diz que Mari Carmen chegou. Quando a observadora cumprimenta a mãe, o bebê vira a cabeça em sua direção e com os olhos bem abertos, vira lentamente o rosto e, em seguida, para os olhos da observadora. A mãe se inclina para a frente, segurando Joana com a mão direita, para beijar a observadora. O bebê, com a mão esquerda aberta faz um movimento lento até tocar o seio esquerdo da observadora, e fecha a mão, abre-a e aproxima-a novamente do seio. A mãe olha o bebê e diz: “Nossa Joana te conhece, olha como ela te olha. Ela é bonita, não é, Mari Carmen?”. A observadora aprova. Joana vira a cabeça para o lado direito, apoiando-a no seio esquerdo de sua mãe, olha a mãe e rapidamente vira a cabeça para a esquerda e olha a observadora com os olhos bem abertos. Joana vira a cabeça para a direita e olha sua mãe, fecha a mão e retira-a do seio e, num movimento rápido, vira, com a mão direita fechada e toca-lhe o nariz, franze as sobrancelhas, fecha os olhos, em seguida, com a mão esquerda fechada, lentamente, toca-lhe a boca, franze a testa, fecha os olhos, abre-os e, olhando sua mãe, abre a boca e vomita um jato potente.

Comentário de Perez-Sanchez:

“A mãe, por alguma razão particular, não somente facilita o caminho da observadora, mas também vai ao seu encontro dizendo a sua filha que Mari Carmen chegou. Por seu lado, o bebê exprime, de uma maneira bem evidente, sua capacidade de reconhecimento da observadora para chegar finalmente a este jogo alternado que vai da mãe para a observadora. O que nos permite ver que Joana tem já uma boa capacidade de pensamento. No entanto, embora tenha adquirido esta capacidade, ela reconhece sua mãe tocando-lhe o rosto em detalhe até finalmente vomitar. É como se sua capacidade de pensar não lhe tivesse servido para assimilar este “bom” encontro emocional porque as boas experiências devem também ser integradas. O que ocorre é como se quando do encontro com o continente-observadora, que aliás ela reconheceu, olhando-a e tocando-a, ela tivesse experimentado a necessidade de provocar a evacuação do continente-observadora através de um comportamento somático. Alguém no seminário se perguntou se poderíamos chamar isto de pensamento corporal. Eu diria que poderíamos melhor considerar isto como uma parada na capacidade de pensar para que a situação que devia subentender tudo isto pudesse ser pensada novamente”.

“Emitimos, no seminário, a hipótese que devia tratar-se de uma situação extremamente difícil para que esta meninazinha, que mostrava boas capacidades de reconhecimento, vomitasse assim. Dito de outra forma, para utilizar os termos de M.

Klein, a meninazinha, no final, passa da posição depressiva com reconhecimento do objeto, para a posição esquizo-paranóide, retirada da mãe com a aproximação da observadora, terminando a evacuação através do vômito. Qual seria o fato selecionado nesta situação?"

"Vejam os que acontece na 2ª parte da observação".

"A mãe diz: "Nossa Joana não está bem, Mari Carmen. Meu Deus, é a 2ª vez que ela vomita hoje. Ela o fez 1º quando eu falava com minha mãe. Hoje faz 4 anos e meio que meu pai morreu. Eu acordei hoje num grande estado de tristeza pensando nele."

O bebê olha sua mãe, franze a testa, fecha os olhos, abre-os, mexe a cabeça para a esquerda na direção da observadora, fecha os olhos, vira a cabeça e começa a chorar. A mãe aperta Joana nos braços e diz: "O que tá chateando Joana? e no entanto ela mamou bem... hoje, ela está cansada, vamos para casa."

"O bebê vira a cabeça da esquerda para a direita, chorando fortemente, a mãe beija o rosto de Joana, passa seu nariz na sua testa, Joana abre os olhos, enruga a testa, coloca o pé direito sobre o esquerdo tirando seus sapatos e suas meias. A mãe a olha e lhe diz: "Nós estamos aqui, pequena princesa, te acalma filhinha!" Joana abre os olhos, olha agora os olhos de sua mãe, abre a mão direita e se aproxima de seu seio esquerdo. Ela lhe diz: "Olha aí, passour, filhinha. Mari Carmen e eu vamos cuidar de ti". O bebê abre a mão esquerda lentamente, aproxima-a de seu próprio seio e pára de chorar."

Após este episódio, a observadora descreve a imagem visual que o bebê e sua mãe oferecem: Joana está com uma roupa branca de mangas curtas com elástico, uma saia franzida, meias brancas e sapatos brancos abotoados com uma pérola, brincos, pulseira de ouro, com uma placa escrito Joana. A mãe: saia-calça clara, camisa preta, cabelos compridos, sem maquiagem, brincos de prata, sem aliança.

Entramos no elevador(...) a observadora está diante do bebê e de sua mãe. O bebê se movimenta para a esquerda e para a direita, olha a observadora, abre a boca e começa a chorar. A mãe a deita lentamente sobre seu braço esquerdo, olha-a, mas o bebê continua a chorar, fecha a mão direita, aproxima-a do seio de sua mãe e pára de chorar. Chegam no apartamento, a porta é aberta. Raquel, que ajuda na casa, cumprimenta a observadora, mas a mãe intervém para abreviar o encontro, chamando a observadora. No quarto, tudo estava preparado para o banho. A mãe instala o bebê sobre a cômoda, o bebê a olha fixamente. Ao lhe ser retirado o vestido, o bebê enruga o rosto e começa a chorar(...) a mãe banha o bebê rapidamente enquanto ele chora forte, o veste e decide dar-lhe de mamar. Joana pega o seio logo e mama durante 25 minutos. Depois segura o mamilo sem mamar(...) a mãe coloca-a sobre seu ombro esquerdo e o bebê regur-

gita. Depois, a mãe a inclina sobre seu braço direito, o bebê a olha e vomita."

A mãe diz: "Nossa Joana não se sente bem. Eu estou esgotada. Briguei com José (o marido). Ele quer dormir no sofá e eu faço tudo de dia e de noite. Os homens são egoístas. Meu pai era um homem maravilhoso. Ele nos cuidava durante a noite. Eu estou triste hoje, Mari Carmen. José diz que não faço nada, que sou eu que fico em casa e que ele faz tudo. É uma grande injustiça. É sua filha também, eu peço-lhe que me ajude e ele diz que está cansado."

A mãe pede a Raquel que prepare-lhe outro banho para lavar Joana que vomitou. Novamente a operação do banho é difícil. A mãe dá novamente o seio à Joana. Após uma mamada de 20 minutos, o bebê larga o mamilo, dorme calmamente e sorri mexendo seus globos oculares, sem abrir os olhos. A mãe diz que acha que Joana está sonhando."

A mãe convida a observadora a lanchar. Ela fez um bolo típico de sua região (região comum às duas). O bolo se chama "espera-marido". A mãe diz: "Não gosto de brigar. Isto me faz mal. Chorei por causa da injustiça que José me fez. Eu, como uma boba, ajudo-o no trabalho que ele trás para casa. Assumo minhas filhas e a casa desde que Joana nasceu. Ele me telefonou para me pedir perdão e me disse que se dava conta que era culpado. Eu o amo muito, mas ele dorme aqui no sofá e eu fico sozinha no quarto. Isto não é justo. Eu uso D.I.U e nós só tivemos relações quando estávamos em Recife. Ele certamente pensa que sou louca". A mãe acaricia a cabecinha de Joana que dorme tranquilamente e continua: "uma vez que o marido não se queixa... ele pega o hábito de dormir sozinho e eu também e desta forma a família se desagrega e o casamento quebra. É difícil viver com esta realidade, não é verdade, Mari Carmen?". A observadora respondeu-lhe dizendo: "É claro que sim" e acrescenta: "Está na hora, preciso ir". A mãe responde-lhe: "Não vá. Fica pois agora estou aliviada. É bom ter-te aqui, tu me transmites tua serenidade". A observadora fica em pé e a mãe levanta-se lentamente acariciando a cabeça do bebê. Na porta, a mãe lhe diz até logo: "Vá, Mari Carmen, e volta, tá?" A observadora respondeu-lhe: "Obrigada e até 5ª feira".

Comentário de Perez-Sanchez:

"O conteúdo final desta observação é realmente carregado de emoção. Mas pode-se ficar marcado, aturdido pelas impressões sensoriais desta experiência emocional e deduzir que isto, na melhor das hipóteses, serve somente para demonstrar que a observação de bebê serve talvez de suporte para a mãe, considerando seus problemas."

Mas Perez-Sanchez, retomando a questão do nascimento do pensamento diz:

"Ao terminar a análise da 1ª parte da observação, dissemos que o bebê, ao apresentar esta reação psico-somática do vômito, tinha perdido a capacidade de pensar e, ao invés disto, tinha se evadido com este comportamento, entrando numa si-

tução persecutória na qual nem a mãe, nem a observadora replicaram. Há diferentes movimentos interessantes após o episódio do vômito: o bebê tenta se livrar de algo tirando suas meias e seus sapatos, a mãe hábilmente consegue acalmá-lo. É neste momento que a observadora, para se recuperar também, através da imagem sensorial da visão, nos diz como a mãe e a criança estão vestidas, com o objetivo de recuperar, embora isto seja puramente exterior, a identidade de cada uma delas. Ressaltaria o detalhe que a observadora dá: a mãe não tem aliança, em seguida percebe-se que houve uma briga com o marido(...).

Mas, ao entrar no espaço exíguo do elevador, o bebê começa a sentir angústias do tipo claustrofóbico, ao ser confrontado com os objetos maus e perseguidores.

No banho, a dificuldade continua e o seio não o ajuda a assimilar a má experiência vivida pois o vômito aparece uma 2ª vez. Somente na 2ª vez, quando sua mãe lhe dá o seio, quando ela explica à observadora a briga com o pai e quando a mãe passa assim de uma valorização perseguidora da situação à uma preocupação depressiva, é que a criança consegue assimilar o bom seio e adormecer.

No sono, Joana encontra pensamentos oníricos e dá provas desta experiência emocional através de seu sorriso e do movimento de seus globos oculares. Mesmo a mãe tem a intuição de que a criança está sonhando. Sabemos, graças à investigações eletro-encefalográficas, que as crianças também têm esta capacidade onírica semelhante à dos adultos.

Em seguida, a mãe se ocupa com a observadora para terminar de integrar esta má experiência através de seu desejo pessoal, visto a morte do pai, e através da briga com seu marido, principalmente com o bolo originário de sua região — "espera-marido". Ela quer recuperar o marido para reconstruir a Unidade Originária com a ajuda da observadora. Durante todo este tempo, o contato com sua filha é quente e íntimo, como se os vínculos emocionais (amor, ódio, conhecimento) impregnassem todos os vínculos.

O fato selecionado da lembrança da morte do pai é a recuperação de um acontecimento que ordena o caos atual. O fato selecionado serve para ordenar idéias novas com as velhas e para favorecer o desenvolvimento. Assim, a mãe pode fazer a passagem da posição esquizo-paranoide (ela é maltratada injustamente pelo marido) para uma forma intermitente na qual novamente aparece uma valorização persecutória (meu marido me explora), para chegar à preocupação depressiva (amo meu marido e desejo ter relações sexuais com ele). O conteúdo (emoções e atitudes da mãe) está sendo realizado porque o continente (emoções e atitudes fundamentais de confiança e esperança da observadora nos processos de desenvolvimento) a envelopa, agindo em seguida sobre a função alfa da mãe, sua capacidade de pensar. Podemos vê-lo na atividade de reparação do lanche: ela fez um bolo imaginati-

vo (produto da função alfa), visando incluir o marido, sua terra de origem, a observadora camponesa no bolo "espera-marido", o bolo constitui novamente um fato selecionado para poder integrar e harmonizar toda a situação.

A observadora dá à mãe a serenidade para pensar em diferentes níveis de seu desenvolvimento.

O pensamento nascente apareceu sempre atrás de cada situação e o nascimento do pensamento no bebê foi, por sua vez, um germe que estimulou toda a função de pensar."

### 3 — "Uma Aplicação do Método de Observação de Bebês; o Tratamento à Domicílio de Crianças Autistas".

Comunicação de Didier Houzel, França, psicanalista da Associação Psicanalítica Francesa, professor de Psiquiatria de criança e de adolescente na Universidade de Bretagne Occidentale.

Houzel aplica o método de observação de bebês em um sentido terapêutico, cada vez que um disfuncionamento interativo precoce poderia ser aventado na origem de perturbações psicopatológicas da criança pequena — é o que chamamos atualmente de Psiquiatria do Bebê.

Houzel descreve uma sessão que faz parte deste tipo de tratamento que utiliza, conforme o modelo da observação de bebês. Como neste método, há diferentes tempos: a visita à domicílio, as anotações "après-coup", e o grupo de trabalho ou de supervisão.

Lucie é a 3ª de uma fratria de 3 filhas: uma irmã cinco anos e meio mais velha e uma irmã um ano e meio mais velha. Já consultara aos 17 meses, levada por sua mãe que se inquietava por seu atraso de desenvolvimento. As outras filhas não apresentavam, segundo a mãe, problemas particulares. A gravidez e o parto foram normais. Houve uma tentativa de aleitamento que foi interrompido desde o retorno da maternidade. A mãe tem poucas lembranças do primeiro ano de vida de L. A mãe diz que era completamente monopolizada pela filha precedente (Catherine), em quem tinha investido muito e que a solicitava muito. A mãe lembra-se que L. foi um bebê bem comportado, quase não chorava, comia e dormia bem. A primeira coisa que a inquietou, foi a hipotonia de L. e a lentidão de seu desenvolvimento psicomotor: segurou a cabeça tarde, sentou tardiamente e, na ocasião da 1ª consulta ainda não caminhava. L. fixava menos o olhar que suas irmãs e desviava rapidamente os olhos quando olhava-se para ela. Sorria um pouco para sua mãe e se manifestava nos momentos de separação. Interessava-se pouco pelos brinquedos — manipulava-os mas descartava-os muito rapidamente. Não tentava imitar. Não batia palminhas nem acenava "tchau". Não tentava repetir o que seus pais ou suas irmãs lhe propunham. Podia ficar um certo tempo sozinha sem reclamar atenção. Não apresentava nenhuma linguagem nem interesse por ela. Não repetia sons que lhe eram propos-